

Possibilidades e Limites Pedagógicos do Uso do WhatsApp nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Pedagogical Possibilities and Limits of the Use of WhatsApp in the Early Years of Elementary School

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v14i1.2124

Manoel Maria Silva Negrão^{1*}
Derli Juliano Neuenfeldt¹

¹Universidade do Vale do Taquari –
Lajeado/RS, Brasil.

*fmanoel.negrao@universo.univates.br

Resumo

Este estudo apresenta possibilidades e limites pedagógicos da utilização do aplicativo WhatsApp como recurso didático-pedagógico nas aulas do 1º ano do ensino fundamental. Ele foi levado a cabo no contexto da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2022, em que professores se desafiaram em aulas online. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, que teve por objetivo identificar e analisar potencialidades pedagógicas do uso do WhatsApp numa turma do 1º ano do EF, no município de Santana-AP. Os sujeitos dessa investigação foram a professora da turma e seus 24 alunos. Adotou-se, para a coleta de informações, junto à professora, a entrevista semiestruturada e a observação sistematizada das aulas remotas, nos meses de agosto e setembro de 2021, via grupo da turma, no WhatsApp. Com os alunos, realizou-se também uma roda de conversa. Os resultados permitem afirmar que o referido aplicativo apresenta potencialidades para desenvolver práticas pedagógicas inovadoras, pois reconfigura a sala de aula enquanto lugar e tempo, construindo novos processos de ensino e de aprendizagem, ajudando a desenvolver competências digitais. Como limites, identificamos que o acesso à conexão, pelos alunos, é desigual, que nem todos possuem aparelho celular em casa e que é necessário um “mediador familiar” junto ao estudante, durante a aula – contudo, o analfabetismo digital de alguns pais dificulta esse auxílio. Concluiu-se que a utilização do WhatsApp com crianças-estudantes, na construção de conhecimentos, não substitui a presencialidade, mas expande as possibilidades das formas de ensinar, estabelecendo-se como um recurso didático-pedagógico capaz de potencializar as aprendizagens.

Palavras-chave: Ensino. Práticas pedagógicas. Tecnologias digitais. WhatsApp.



Recebido 10/11/2023
Aceito 26/02/2024
Publicado 29/02/2024

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. Possibilidades e limites pedagógicos do uso do WhatsApp nos anos iniciais do ensino fundamental. *EaD em Foco*, v. 14, n. 1, e2124, 2024. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2124>.

Pedagogical Possibilities and Limits of the Use of WhatsApp in the Early Years of Elementary School

Abstract

This study addresses the pedagogical possibilities and limits of using the WhatsApp application as a didactic-pedagogical resource in the classes of the 1st Year of Elementary School. It occurred in the context of the COVID-19 coronavirus pandemic, years of 2020 to 2022, where teachers were challenged in online classes. It is a research with a qualitative approach that aimed to identify and analyze pedagogical potentialities of the use of WhatsApp in a class of the 1st Year of Elementary School, in the municipality of Santana-AP. The participants in this investigation were the class teacher and her 24 students. A semi-structured interview and a systematized observation of remote classes were adopted to collect information with the teacher, in the months of August and September 2021, via the WhatsApp class group. A conversation circle was also held with the students. The results enable to affirm that the WhatsApp application presents potentialities to develop innovative pedagogical practices, as it reconfigures the classroom as a place and time, building new teaching and learning processes, helping to develop digital competences. As limits, were identified that the access to the connection by students is unequal; not everyone has a cell phone at home; a 'family mediator' is needed with the student during the class, but the digital illiteracy of some parents makes it difficult to help. In conclusion, the use of WhatsApp with children-students in the construction of knowledge does not replace face-to-face, but expands the possibilities of ways of teaching, establishing it as a didactic-pedagogical resource that can enhance learning.

Keywords: *Teaching. Pedagogical practices. Digital technologies. WhatsApp.*

1. Introdução

Vivemos rodeados pelas tecnologias digitais, ou imersos nelas, o que nos tem levado a grandes mudanças, quer na economia, quer na forma de nos comunicarmos e de nos relacionarmos uns com os outros, quer, ainda, na maneira de ensinar e de aprender. Mas será que as nossas instituições educacionais estão integrando esses aparatos tecnológicos ao ensino?

Essa relação do ser humano com a tecnologia se aproxima da intimidade e acaba por levar a privacidade para ambientes públicos, provocando uma sensação de que as fronteiras entre o lugar público e o particular tornaram-se menores. Podemos afirmar, a partir de Santaella (2021, p. 138), que “as tecnologias vão se instalando sorrateiramente, até tomarem conta da vida social, cultural e psíquica, em um processo de incorporação até o limite da simbiose humano/ tecnologias”.

As tecnologias digitais móveis, mais especificamente o celular e seus aplicativos de mensagens, principalmente o WhatsApp, possibilitam ao meio educacional atual utilizá-las como recursos didático-pedagógicos, em prol de uma educação que vai além dos muros da escola, alterando o cenário de sala de aula, seja no espaço, seja no tempo. Porém, além da euforia no uso de algo “novo”, há potencialidades na utilização do celular em estratégias inovadoras de ensino? E quais são as limitações desse uso?

O presente artigo tem como objetivo identificar e analisar possibilidades e limites pedagógicos do uso do WhatsApp numa turma do 1º ano do ensino fundamental, no município de Santana-AP. A pesquisa foi realizada com uma professora dessa classe e sua turma, composta por 24 alunos.

2. Metodologia

A pesquisa tem abordagem de natureza qualitativa, na qual o papel do investigador “não consiste em modificar pontos de vista” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 138) do participante investigado, mas, antes, compreender a perspectiva dos sujeitos e as razões que os levam a assumi-la e praticá-la.

Na pesquisa qualitativa, existem várias maneiras de obter informações, visto que esse procedimento varia de acordo com o contexto ou a tipologia da investigação (Marconi; Lakatos, 2022). As informações necessárias para responder aos objetivos propostos nesta pesquisa foram coletadas por meio de registro de observação na sala de aula remota, de entrevista semiestruturada e roda de conversa.

A observação sistemática colabora para o pesquisador identificar e obter informações a respeito de situações sobre as quais os sujeitos da pesquisa, às vezes, não têm consciência, mas que orientam seus comportamentos. Para realizar essa observação sistematizada, com maiores detalhes para discutir as informações, os autores deste trabalho ingressaram no grupo do WhatsApp da turma da professora em questão. Nele, foram capturadas as telas durante as aulas remotas observadas, que aconteciam de segunda a sexta-feira, com duração de três horas diárias, das 14 às 17 horas, nos meses de agosto e setembro de 2021. Dessa forma, foram verificadas as possibilidades que as tecnologias digitais permitem como instrumento para pesquisa, em que se obtém, num registro, fala, imagem e texto.

Tanto a entrevista semiestruturada com a professora da turma (julho/2021) quanto a roda de conversa (novembro/2021) com os alunos forneceram informações, que foram coletadas e estudadas, de modo que compreendêssemos o fenômeno analisado em sua totalidade. Nessa perspectiva, o entendimento do processo educacional torna-se mais importante do que os resultados obtidos, situando-se como elemento principal em uma investigação qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994).

As informações obtidas nesta pesquisa foram analisadas e discutidas com base na metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiuzzi (2016). Segundo esses autores, a ATD refere-se “a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa, com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 13).

Para que as informações obtidas pelos instrumentos de que se lançou mão na pesquisa pudessem ser adequadamente analisadas, foi necessário organizá-las mediante seu agrupamento em categorias. Nesta investigação, desenvolvemos categorias emergentes a partir das informações coletadas, a fim de ordená-las sob algum aspecto de semelhança que as aproximasse. As categorias que emergiram, considerando os sujeitos da pesquisa (professor e alunos), foram: práticas pedagógicas com tecnologias digitais móveis; relação e mediação pedagógica pelo WhatsApp e potencialidades pedagógicas do WhatsApp: possibilidades e limites.

Neste artigo, apresentaremos somente a categoria das potencialidades educacionais que o aplicativo WhatsApp pode oferecer aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente do 1º ano. Tangenciaremos suas possibilidades de utilização no ensino e os limites (as dificuldades) para seu uso pedagógico.

Quanto aos cuidados éticos¹, as abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados, foram obedecidos os procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas. A Secretaria de Educação do município e a direção da instituição de ensino autorizaram o estudo por meio de uma carta de anuência; os pais e/ou responsáveis pelos estudantes menores de idade autorizaram a participação deles, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os alunos assinaram um termo de assentimento e a professora concordou voluntariamente em participar do estudo, também tendo assinado o TCLE. Na apresentação dos resultados, o nome da escola, da professora e dos alunos não são divulgados. Como forma de respeitar o sigilo dos sujeitos pesquisados, adotamos o termo “Professora”, para nos referirmos à docente pesquisada. Em relação aos alunos, adotamos o termo “A1”, “A2”, “A3” e assim por diante. Também não divulgamos o nome da escola e, nos prints das telas, ocultamos o número do celular da professora e dos alunos.

3. Acionando o WhatsApp para o “modo pedagógico”: possibilidades e limites

Por meio das informações coletadas na entrevista (professora) e durante a observação das aulas remotas, via grupo do WhatsApp da turma, apresentam-se algumas potencialidades que a pesquisa evidenciou. Nesse sentido, verifica-se como um ponto positivo o fato de o aluno poder ser alcançado pelas tecnologias digitais móveis, usando o celular com acesso à internet, onde quer que esteja, mesmo com as distâncias entre os corpos, como a professora pesquisada salienta:

A vantagem que eu vejo é que a gente consegue alcançar alguns alunos, mesmo estando distante geograficamente. [Trata-se de] Alcançar esses alunos por meio dos recursos digitais, através do telefone e com acesso à internet, este alcance da tecnologia em poder chegar até os alunos por meio dela (Entrevista, 23 jul. 2021. Adendo nosso)².

A fala da professora aproxima-se das ideias de Moran, Masetto e Behrens (2022), e nos instiga a pensar que as tecnologias digitais móveis suscitam mudanças profundas na educação presencial e a distância. A chegada dessas inovações nas salas de aula trazem desafios, mas também grandes possibilidades. José Moran destaca:

Na [educação] presencial, desenraizam o conceito de ensino-aprendizagem localizado e temporalizado. Podemos aprender desde vários lugares, ao mesmo tempo, on-line e off-line, juntos e separados. Na educação a distância, permitem o equilíbrio entre a aprendizagem individual e a colaborativa [...] (Moran; Masetto; Behrens, 2022, p. 5. Adendo nosso).

Vislumbramos, a partir das falas da professora e do autor, alternativas de espaços e tempos para ensinar no 1º ano do ensino fundamental, fugindo da organização convencional de sala de aula. Dessa forma,

1 Esta pesquisa faz parte de uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates/RS (Brasil). A partir da qualificação do projeto, que ocorreu em 2021, no período da pandemia de Covid-19, no qual as aulas estavam ocorrendo de forma remota, entendeu-se que tramitar o projeto no Comitê de Ética, em razão do tempo que esse processo poderia levar, inviabilizaria o principal objetivo da pesquisa, que era o de analisar o uso do WhatsApp no ensino remoto emergencial. Nesse período, já se cogitava o retorno às aulas presenciais. Contudo, convém destacar que todos os cuidados éticos foram tomados, conforme descrito na seção de metodologia.

2 Nota: o trecho citado refere-se à entrevista feita com a professora da turma de 1º ano do ensino fundamental em destaque neste artigo. Ressalta-se que esse material é referenciado, nesta publicação, apenas como “Entrevista”, seguido da data em que a conversa ocorreu.

os alunos, a partir de sua casa ou de qualquer outro espaço, podem aprender em grupo, se comunicar em rede, em situações mais flexíveis e adequadas aos nossos dias, desde que sejam acompanhados por um adulto. Compreende-se que a conexão, o entrelaçamento, o ensino e a aprendizagem em rede, de forma colaborativa, possibilitam tanto a autoria quanto a coautoria dos sujeitos envolvidos (professor, alunos e família), e ainda que eles façam parte do mesmo universo. Santaella afirma que

o leitor [o aluno] é ubíquo porque as mídias móveis propiciam que a informação e a comunicação sejam agenciadas de qualquer lugar para qualquer outro lugar e em quaisquer momentos; portanto, acesso ubíquo à informação, à comunicação e, mesmo, em alguns casos, à aquisição de conhecimento (Santaella, 2021, p. 72. Adendo nosso).

Neste estudo, que, como dito, foi feito com alunos do 1º ano do ensino fundamental, em que as aulas estavam sendo desenvolvidas pelo celular, com o ensino orientado da casa do professor para a do aluno, a flexibilidade espaço-temporal foi limitada, pois ficou restrita aos lares, porém, via WhatsApp, o encontro regular entre os atores foi mantido, com data e horário definidos para as aulas. No entanto, isso não substituiu o encontro presencial. Para o desenvolvimento do aluno na faixa dos 6 anos de idade, a presença do professor nas atividades escolares, desenvolvidas em sala de aula, é fundamental.

Em uma das perguntas da entrevista feita com a professora, questionou-se o seguinte: “Com o retorno das aulas presenciais, o que você incorpora da experiência das aulas remotas, pelo aplicativo WhatsApp, para sua prática docente presencial?”. A resposta da professora foi a seguinte:

O que eu posso incorporar das aulas remotas é continuar essa interação com o grupo da turma, interagindo com eles, através dos vídeos curtos, explicativos, para reforçar os conteúdos trabalhados do dia. Também é um meio de comunicação com os pais, que é rápida, e é uma forma de orientar as atividades (Entrevista, 23 jul. 2021).

A interação proporcionada pelo aplicativo WhatsApp, somente com o envio de mensagens ou por meio de outras funcionalidades, é uma das vantagens do uso do celular na área da Educação. Educar é um processo realizado, fundamentalmente, pela interação. Nesse contexto, analisa-se a interação humana que ocorre por meios remotos, com menos momentos presenciais, mas com múltiplas formas de orientar, acompanhar, motivar e avaliar.

Para Vygotski (2007), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é concebido na contínua interação dos diversos condicionantes sociais com a base biológica do ser humano, ou seja, as células cerebrais do recém-nascido ficam “aguardando” os estímulos exteriores. Sua capacidade superior (o pensamento, a memória, o cálculo e a atenção), bem como a noção de valores e suas atitudes, antes de se tornarem internas ao indivíduo, precisam ser vivenciadas nas interações sociais. Quem promove esse encontro é a educação, seja ela presencial ou remota, e ele também ocorre a partir das escolas e dos professores, além de na convivência com outras crianças, com a mediação dos signos e instrumentos (nesse caso, podemos, atualmente, mencionar as tecnologias digitais). O que Vygotski chama de internalização são as ações primeiramente experienciadas no coletivo (público), para depois serem apropriadas internamente (particular) pelos sujeitos.

As mudanças que foram acontecendo nas escolas, sobretudo sob o impacto da pandemia de Covid-19, com a mediação das tecnologias digitais, possibilitam pensar em uma alteração na forma de ensinar. Aliar o ensino virtual ao presencial parece oportuno e propicia uma escola mais flexível, aberta e menos rígida. É possível, com isso, vislumbrar a possibilidade de aprendizado em espaços e tempos diferentes, uma vez

que, nesse contexto, “a escola pede novos espaços [...]. Uma escola com estudantes cada vez mais antenados e conectados com o mundo em sua volta e necessitando de professores que ajudem na travessia do mundo físico para o mundo digital” (Negrão; Neuenfeldt, 2023, p. 46). É possível, ainda, integrar as tecnologias digitais, inclusive para atender alunos do 1º ano do ensino fundamental de forma instantânea, integrada e acessível, de modo a desenvolver competências digitais desde a infância. A combinação do ambiente digital com o presencial pode favorecer a organização de uma parte do currículo que integre, como afirma Moran, um ambiente

híbrido [que] também pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. Implica misturar e integrar áreas, profissionais e alunos diferentes, em espaços e tempos distintos (Moran, 2015, p. 28. Adendo nosso).

Portanto, o celular e o aplicativo WhatsApp tornaram-se ferramentas propiciadoras da comunicação, interação e do compartilhamento, além de encaminharem a aprendizagem colaborativa. Lopes destaca como celular e WhatsApp podem complementar os processos de ensino e de aprendizagem:

Isso é possível em espaços de interação, como as redes sociais, e também nos grupos formados pelo WhatsApp, sistema de mensagens instantâneas que possibilita não apenas o compartilhamento de mensagens de textos, como também imagens, vídeos, áudio e links de sites e páginas da internet, que dispõe de alto grau de interação (Lopes, 2018, local. 1025).

As interações nas aulas remotas, com a devida mediação pedagógica, se consolidam a partir das relações entre professor e aluno, com auxílio do adulto ou responsável em casa, e oferecem possibilidades para desenvolver estratégias de ensino adequadas à promoção da aprendizagem. Como esta pesquisa foi desenvolvida com alunos de seis anos de idade, de uma turma do 1º ano do ensino fundamental, talvez a questão que necessite de mais compreensão e estudo resida na interação e na mediação pedagógica quando se faz uso das tecnologias digitais móveis (celular) como recurso pedagógico para alunos nessa faixa etária.

A mediação é um elemento essencial para a aprendizagem, pois, conforme sustentam Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2014, p. 60), ela é:

[...] a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha e aquilo que ela faz com ajuda e, em breve, será capaz de realizar de modo autônomo. Aquilo que o sujeito realiza de forma independente constitui seu nível de desenvolvimento real. Assim, a partir do momento que o educador identifica aquilo que o estudante é capaz de fazer sozinho, a ação educativa pode ter início (Bacich; Tanzi Neto; Trevisani, 2014, p. 60).

Na mediação pedagógica, que se estabelece por meio da interação entre professor e alunos, com os adultos e pares mais experientes, o estudante é capaz de realizar, com auxílio e acompanhamento, a partir de seu nível de desenvolvimento real, atividades que não desempenharia de forma autônoma. Para Vygotski (2007), os adultos e os pares atuam, portanto, na zona de desenvolvimento próximo e favorecem o avanço conceitual de que a aprendizagem necessita. Neste estudo, evidenciamos que as tecnologias

digitais potencializam a construção de estratégias de ensino que valorizam a integração do ensino online às práticas docentes e, ao mesmo tempo, valorizando as relações interpessoais. Como afirmam Negrão e Neuenfeldt:

A mediação pedagógica é um processo comunicativo, conversacional e de construção de significados, que tem por objetivos abrir um diálogo e facilitá-lo; desenvolver a negociação significativa de processos e conteúdos para serem trabalhados nos ambientes educativos; e, incentivar a construção de um saber relacional, construído na interação professor-aluno (Negrão; Neuenfeldt, 2022a, p. 11).

Outra possibilidade do uso do WhatsApp como recurso pedagógico no 1º ano do ensino fundamental trata de o aluno poder vivenciar, desde criança, o protagonismo do processo educativo, possibilitando o desenvolvimento de um ser atuante e crítico de suas ações tanto na escola como no social. Em pesquisa realizada com alunos do 8º ano do ensino fundamental, Martins (2018), percebeu o quanto o aparelho celular e o WhatsApp colaboram para o letramento crítico dos estudantes, permitindo sua ressignificação a partir de práticas escolares que envolvam os indivíduos e seu universo, tantas vezes esquecidos na sala de aula. Atravessando o resultado da pesquisa citada anteriormente, mesmo sabendo que ela foi realizada com alunos leitores, mais autônomos no uso das tecnologias digitais, de faixa etária diferente da dos alunos deste estudo e sob motivações diferentes das nossas, percebe-se que, se possibilitarmos às crianças, desde o seu ingresso na escola, estratégias de ensino integradas com as tecnologias digitais, poderemos estabelecer condições favoráveis para o desenvolvimento crítico dos estudantes.

A possibilidade de práticas pedagógicas inovadoras ficou evidente nas observações das aulas remotas. Muito se discute e se divulga acerca das situações de estratégias de ensino diferenciadas, mas pouco se trabalha nesse sentido. Pelo celular e aplicativo WhatsApp, é possível desenvolver práticas pedagógicas inovadoras, como afirmam Negrão e Neuenfeldt (2022b, p. 10): “percebe-se uma nova maneira de ensinar e de aprender, onde esse processo, cada vez mais, se dá em ambientes difusos, incertos e inconstantes [...]”. No entanto, a gestão dessas práticas pedagógicas, se planejadas e executadas de forma satisfatória, com uso de vídeos, textos multimodais, hipertextos, imagens, áudios, buscando a relação e a interação professor e alunos, possibilita a mediação pedagógica. Em outras palavras, Paulo Freire nos diz: “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 2019, p. 22).

Por outro lado, quanto às dificuldades encontradas pela professora pesquisada e que apareceram nas respostas informadas na entrevista e durante as observações das aulas remotas, constatamos que o acesso ao celular e ao aplicativo WhatsApp não é igual para todos os alunos. Alguns alunos tiveram dificuldade de acesso a esse recurso e, por isso, não conseguiram acompanhar as aulas diariamente, pois, em muitos casos, dependiam de dados móveis; devido à pandemia, muitas famílias ficaram em condições financeiras e sociais precárias, como afirmou a docente:

Nas minhas aulas, alguns alunos não têm acesso igual ao uso do WhatsApp, por isso eles não podem acompanhar as aulas diariamente. De certa forma, eles ficam atrasados e não no mesmo nível de aprendizagem de outros alunos, além disso, tem a precariedade do acesso à internet, que é uma realidade que se mostrou durante a pandemia: como é desigual o acesso à internet pros nossos alunos (Entrevista, 23 jul. 2021).

Essa realidade também foi revelada no estudo de Gonçalves *et al.* (2020), “Ensino remoto para quem? Relato de experiências em quatro escolas públicas do Rio de Janeiro durante a pandemia da Covid-19”, ao evidenciarem que o acesso à internet e a falta ou ineficiência do aparelho celular são as principais dificuldades relatadas por responsáveis e alunos de escolas do segundo segmento do ensino fundamental.

Esses resultados aparecem em sintonia com a nossa pesquisa, que foi levada a cabo em Santana, no Amapá, e reflete a situação socioeconômica da maioria dos pais da turma pesquisada, que não dispunham de recursos financeiros para a aquisição de novos aparelhos de celular e assinatura de banda larga durante o ensino remoto. Os problemas de ordem financeira e técnica podem excluir alunos que não têm smartphones, planos de internet em seus celulares ou acesso à internet nas suas residências. Por essa razão, essa é uma limitação, conforme a professora pesquisada relatou: “os limites vão desde o acesso à internet pelos alunos, até o acesso ao aparelho telefônico, muitas vezes só tem um aparelho na casa e tem cinco crianças para estudar” (Entrevista, 23 jul. 2021).

O acesso à internet e aos smartphones precisa ser discutido em políticas públicas de atendimento, tanto para professores quanto para alunos, pois a escola é pública. Como forma de melhorar e ampliar seu atendimento, é indispensável utilizar tecnologias digitais e a devida conectividade. Essa escola de outrora não encerra seu papel, mas o expande, agora, com o uso quase constante das tecnologias digitais. Para isso:

Uma das formas de se alcançar esse objetivo é a instituição reconhecer que o uso da tecnologia potencializa a ação de todos os sujeitos e pode estreitar os laços existentes entre professores, alunos, gestores e pais. Utilizando a tecnologia, o docente pode ganhar mais tempo para se dedicar a melhorar suas estratégias de ensino e se relacionar com seus alunos (Bacich; Tanzi Neto; Trevisani, 2014, p. 141).

Outro obstáculo percebido pela professora pesquisada é o analfabetismo digital dos familiares responsáveis pelas crianças, fato que reforça o papel da escola e dos professores na formação dos alunos. A docente relatou:

Outro obstáculo é o analfabetismo dos pais, porque como tem alguns pais que são analfabetos, eles não conseguem acompanhar a atividade do dia do aluno, como a leitura do texto do livro ou uma atividade complementar e, por conta desse analfabetismo, as crianças que ainda não estão alfabetizadas acabam sendo prejudicadas (Entrevista, 23 jul. 2021).

Mesmo com dificuldades de acesso, o uso do aplicativo WhatsApp se faz cada vez mais presente entre os alunos. Percebe-se que, quanto mais se eleva a faixa etária dos discentes e quanto maior é o nível de ensino, menor é a dependência de um adulto ou responsável. Isso foi constatado a partir de estudo bibliográfico que realizamos. Encontramos apenas uma pesquisa (dissertação) sobre o uso do WhatsApp como ferramenta pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental (Schorn, 2020). Dito isso, percebe-se a importância que o pai, a mãe, o adulto ou o responsável têm na relação com as aulas remotas desenvolvidas pelo WhatsApp no ensino fundamental. Se eles são ou estão analfabetos digitais, comprometerão a mediação pedagógica que transpassa a relação educacional convencional entre professor x aluno, para formar uma tríade formada por professor x responsável x aluno.

Dados estatísticos colaboram com essa realidade. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação/2019, a Pnad TIC, divulgados pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (INSTITUTO BRASILEIRO..., 2019), mostram o tamanho do desafio de inclusão digital no país, um pouco antes que a crise sanitária confinasse milhões de brasileiros, provocasse o fechamento de escolas e aumentasse o número de pessoas em trabalho remoto. A coleta do IBGE foi feita no último trimestre de 2019 e a proporção de domicílios brasileiros em que havia uso de internet aumentou de 79,1%, em 2018, para 82,7%, em 2019.

Entre os que permaneceram desconectados, mais da metade alegou que o acesso ao serviço era caro (empecilho mencionado em 26,2% dos domicílios) ou que nenhum morador sabia se conectar (justificativa de 25,7% dos entrevistados). No entanto, a ausência de conexão foi um dos problemas encontrados por alunos quando as escolas ficaram fechadas, em decorrência da pandemia. Entre os estudantes de 10 anos ou mais, que passaram a depender de aulas e atividades educacionais remotas, 4,3 milhões não acessavam a internet e quase todos eles eram da rede pública (95,9%, ou 4,1 milhões). A posse de aparelho celular era ainda menos comum: 9,7 milhões de estudantes não tinham o aparelho, sendo 8,8 milhões deles (91,7%) frequentadores da rede pública de ensino.

Conforme dados do IBGE, em 2018, a proporção de nível de instrução das pessoas com 25 anos ou mais de idade foi a seguinte: sem instrução (6,9%); ensino fundamental incompleto (33,1%); ensino fundamental completo (8,1%); ensino médio incompleto (4,5%); ensino médio completo (26,9%); ensino superior incompleto (4,0%) e ensino superior completo (16,5%). O IBGE (2020) informa, ainda, que a taxa de analfabetismo da população brasileira de 15 anos ou mais é 6,8%. Esses dados devem ser pontos de atenção quando planejamos desenvolver atividades pedagógicas pelo WhatsApp com alunos do 1º ano do ensino fundamental.

O uso do celular, um dispositivo privado, particular e íntimo, para desenvolver atividades pedagógicas da escola, ou seja, para uso público, acabou se tornando tema de discussão por parte dos educadores. Deve-se questionar: o celular, quando usado para as atividades escolares, como aulas on-line via grupo do WhatsApp, deve ser do docente ou um recurso da instituição, concedido ao professor apenas para essas aulas? As escolas mantidas pelo poder público devem se atentar quanto a essa discussão e, se for o caso, se estruturar para ela, refletindo sobre a implementação que ora se apresenta. Precisamos de políticas públicas para atendimento das tecnologias digitais! É uma questão a ser levantada e, se for o caso, implementada por cada rede de ensino.

Na realização da roda de conversa com os alunos, levando em consideração a relação dos problemas de acesso e de uso do aparelho celular, questionamos se algum estudante teve problema com celular ou de acesso à internet. No entanto, suas respostas não evidenciaram a fala da professora no que diz respeito às angústias relatadas, por ela, na entrevista: "Nunca tive problema, sempre assisti às aulas." (5 alunos)/ "Eu tive problema, porque foi roubado o celular da mamãe." (A4)/ "Eu tive problema de internet, mas com celular funcionando" (A3).

Dos sete alunos participantes da roda de conversa, somente um deles teve problema de acesso à internet. A professora em questão orientou sua turma com uma estratégia de ensino desenvolvida pelo aplicativo WhatsApp para uso de menos dados móveis. A profissional conduziu seus estudantes a fazerem uso de vídeos curtos, áudios de pouca duração e imagens "leves", mas de qualidade. Com isso, o aluno consegue estar online nas aulas remotas. No entanto, foi sugerido às famílias o uso da internet de banda larga, mesmo que se soubesse das condições financeiras dos responsáveis, como mencionado anteriormente.

Outra dificuldade que a professora consultada nesta pesquisa percebeu diz respeito à capacitação do docente: "a pandemia mostrou o quanto nós precisamos nos qualificar pra saber usar os recursos digitais na educação" (Entrevista, 23 jul. 2021). Orrico corrobora essa posição quando, em sua pesquisa com alunos do 6º ano do ensino fundamental, utilizando as tecnologias digitais, verificou a necessidade de "[...] que se integrem políticas públicas adequadas para a formação de professores para trabalhar nesse novo contexto, bem como para prover as escolas com recursos tecnológicos" (Orrico, 2018, p. 71).

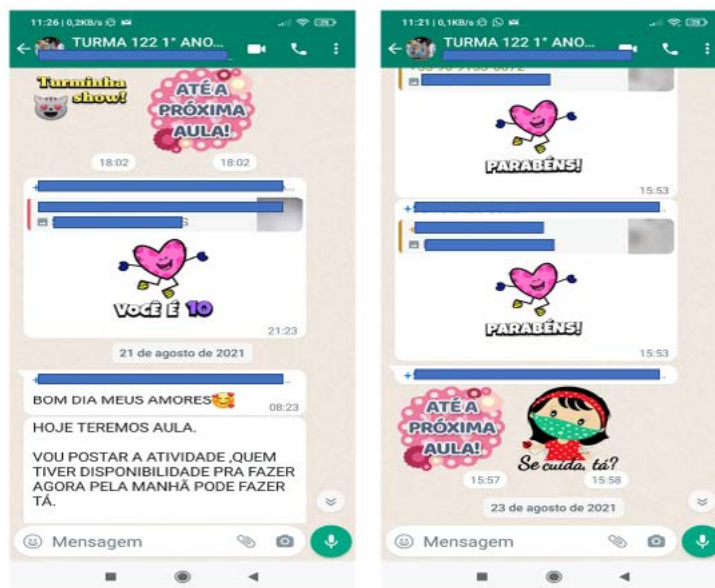
Uma das primeiras preocupações que a formação docente nos instiga a levantar é sobre se o lugar para essa formação ainda satisfaz aos anseios da sociedade atual e se ele se mantém apropriado para a formação dos futuros professores. Nóvoa aponta que é necessário construir um novo lugar para essa formação:

Este lugar deve estar fortemente ancorado na universidade, mas deve ser um “lugar híbrido”, de encontro e de junção das várias realidades que configuram o campo docente. É necessário construir um novo arranjo institucional, dentro das universidades, mas com fortes ligações externas, para cuidar da formação de professores (Nóvoa, 2017, p. 9).

A formação docente de quem irá formar as futuras gerações é um fator central. Assim, compreender a formação e as condições de trabalho e carreira dos docentes se constitui importante ponto para a discussão e compreensão da qualidade educacional de um país.

Outro ponto de dificuldades desse período de aulas remotas pelo WhatsApp foi a excessiva jornada de trabalho docente, que ocasionou alguns aborrecimentos e levou a conflitos entre os envolvidos no processo, como o professor e os responsáveis pelos alunos. Como exemplo, na aula observada pelo grupo do WhatsApp da turma, do dia 20 (sexta) e 21 de agosto (sábado), conforme captura de tela da Figura 1, constatou-se uma carga de atividades profissionais que extrapolou o horário de trabalho da professora pesquisada.

Figura 1: Encerramento e início da aula no grupo da turma do WhatsApp.



Fonte: Dos autores, com base nos dados coletados na pesquisa.

Na Figura 1, do dia 20 de agosto de 2021 (sexta-feira), observa-se que a professora se despede da turma às 18h2min, já ultrapassando mais de uma hora do término da aula. No entanto, ela retorna às 21h23min para parabenizar um aluno pela entrega da atividade do dia. No dia 21 de agosto de 2021 (sábado letivo), a professora dá as boas-vindas ao grupo às 08h23min, dizendo que terá aula naquele dia, e posta a atividade conduzindo-a deste modo: “quem tiver oportunidade para fazer pela manhã a atividade pode fazer e enviar”. Pela Figura 1, a extensão da aula por quase o dia inteiro, até que a professora se despeça do grupo, às 15h58min, é reafirmada.

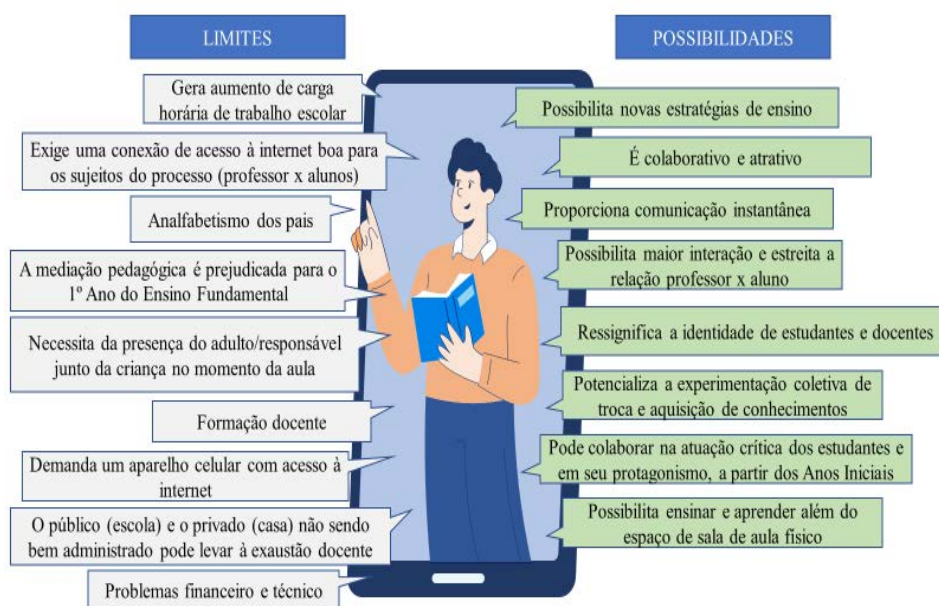
Como já foi destacado anteriormente, essa situação revela o público (escola) entrando na vida particular (casa) do professor, de forma que essa relação provocou angústias em muitos docentes durante o con-

texto de pandemia. Nossas aulas de outrora se encerravam às sextas ou nos sábados e os professores, nos finais de semana, planejavam, estudavam em casa, mas sem a invasão dos alunos ou responsáveis. Precisamos discutir o lugar das tecnologias no ensino, bem como na jornada de trabalho do professor, pois ela não pode ocasionar uma docência exausta e aprisionadora. Cada vez mais, percebemos que não é possível pensar a educação e os professores sem a utilização das tecnologias digitais, com aulas virtuais, online ou a distância; como afirmam Nóvoa e Alvim: “vivemos conexões sem limites [...] é preciso enfrentar com lucidez e coragem essas tensões [...] entre uma diminuição da privacidade e da liberdade e a afirmação de novas formas de democracia e participação” (Nóvoa; Alvim, 2021, p. 3).

Essa preocupação foi evidenciada nas observações das aulas remotas, via grupo da turma do WhatsApp, e gera aflição quando pensamos se as escolas manterão os grupos das turmas pelo WhatsApp como possibilidade de ensino e aprendizagem. As postagens, publicações e interações dos grupos de turmas pelo aplicativo que ocorrem fora do horário escolar, não raro à noite e nos finais de semana, o que intensifica o trabalho docente e prolonga o dia escolar, resultando em uma docência exaurida e, muitas vezes, desanimadora.

A partir do que foi apresentado, analisado, interpretado e discutido neste estudo, envolvendo possibilidades e limites para o uso do aplicativo WhatsApp como recurso didático, elaborou-se uma imagem-síntese das dificuldades e possibilidades quanto à recomendação pedagógica de tal recurso.

Figura 2: Possibilidades e limites da utilização do WhatsApp como recurso pedagógico para o 1º ano do ensino fundamental



Fonte: Dos autores, com base nos dados coletados na pesquisa.

Com o retorno das aulas presenciais, em muitas escolas, a partir do ano de 2022, o desafio de utilizar as tecnologias digitais passou a ser não duplicar as práticas pedagógicas, mas incorporar o que aprendemos com as possibilidades de expansão da sala de aula física, para apoio e complemento das aulas presenciais. A escola se expande, não se duplica. Não podemos substituir o espaço escolar com o eterno “estude em casa”.

4. Conclusão

Com este estudo, percebe-se o potencial do aplicativo WhatsApp na sociedade e, fazendo sua adequação para as escolas, a partir das informações levantadas na investigação, reforça-se a possibilidade de usá-lo em contexto escolar. Isso nos leva a pensar a sua utilização como recurso didático-pedagógico no 1º ano do ensino fundamental, com possibilidade de contribuir com o acompanhamento e a expansão da sala de aula. Contudo, são necessárias novas pesquisas, que também ampliem esse uso a outros níveis de ensino e outras realidades escolares.

Com a retomada das aulas presenciais pós-pandemia de Covid-19, o WhatsApp pode ser reposicionado: ele passou a ser usado não somente para a comunicação em grupo de turmas, mas para uma reconfiguração pedagógica que envolve estratégias de ensino, inclusive em turmas do 1º ano do ensino fundamental.

O uso de imagens, áudios, vídeos e textos multimodais pode acontecer de maneira favorável para a educação de estudantes dessa série. Principalmente o uso de áudios e vídeos, que fortalecem e potencializam práticas pedagógicas diferenciadas, considerando que muitos alunos desse grupo ainda não são alfabetizados.

As tecnologias digitais móveis e os aplicativos de mensagens instantâneas, com as vantagens que representam sua utilização na educação, demandam permanente formação do professor, devido a essa ser uma área em que a inovação é ininterrupta, o que pode provocar mudanças nas práticas pedagógicas.

Nosso estudo também apontou a necessidade de que, quando se trata de utilização de tecnologias digitais na educação, garantir a equidade de acesso e os direitos de aprendizagem dos estudantes são fatores fundamentais para possibilitar a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Direito é conquista! O que nos faz pensar em políticas públicas para atendimento aos professores e estudantes (dispositivo móvel e acesso à internet), para vislumbrar um ensino com a utilização das tecnologias digitais.

O aplicativo WhatsApp, ao ser considerado um meio educacional de apoio às práticas pedagógicas, pode ser um recurso didático, sendo acionado a partir das necessidades docentes com a turma, para estabelecer conexões com o conteúdo escolar, com vistas a uma aprendizagem mais significativa.

A escola contemporânea enseja o uso de tecnologias digitais móveis (celular e tablet) e aplicativos que favoreçam uma educação tecnológica aliada do ambiente escolar, para a busca de uma educação de qualidade, integrando o ofício do professor. Refletir sobre isso nos levará a reposicionarmos nossas concepções, valores e compreensões para a escola que desejamos. A escola atual se expande, mas precisa ser justa e democrática.

Biodados e Contatos dos Autores

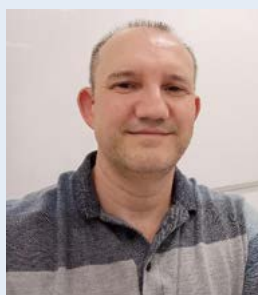


NEGRÃO, M. M. S. é mestre e doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – Univates/RS. É professor do Governo do Estado Amapá e Coordenador Pedagógico da Prefeitura Municipal de Santana-AP. Tem interesse em pesquisa na área de Recursos, Tecnologias e Ferramentas no Ensino. Participa como voluntário do projeto de pesquisa “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”.

ORCID: 0000-0002-7179-1490

E-MAIL: manoel.negrao@universo.univates.br

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2483660247028224>



NEUENFELDT, D. J. é professor nos cursos de Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates/RS. Tem Doutorado em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari. Tem pesquisado nas áreas da Educação Física Escolar, Formação de Professores, TDICs e Educação Ambiental, com destaque para área do Ensino. Participa do projeto de pesquisa “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”.

Universidade do Vale do Taquari – Univates. Av. Avelino Talini, 171 – Bairro Universitário, Lajeado – RS/Brasil

ORCID: 0000-0002-1875-7226

E-MAIL: derlijul@univates.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5204461564869394>

Referências

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. *E-book*.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, PT: Porto Editora, 1994. *E-book*.

Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1119>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

GONÇALVES, I. C. B. *et al.* Ensino remoto para quem? Relato de experiências em quatro escolas públicas do Rio de Janeiro durante a pandemia da Covid-19. **EaD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. e1310, 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1310/631>. Acesso em: 27 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Educação:** 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101736>. Acesso em: 22 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estimativas da população residente com data de referência 01 de julho de 2020. Cidades e estados. **Santana (AP)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/santana.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

- LOPES, C. G. **Aprendizagem histórica na palma da mão: os grupos do WhatsApp como extensão da sala de aula**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. *E-book*.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- MARTINS, A. O. **Além dos muros da escola** – uma experiência de debate pelo WhatsApp no Ensino Fundamental II. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2016.
- MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. *E-book*.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. Mediação pedagógica em aulas online no 1º ano do ensino fundamental. **EaD em Foco**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. e1895, 2022a. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1895/838>. Acesso em: 9 set. 2023.
- NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. O ensino mediado pelo WhatsApp: reflexões sobre a prática docente no ensino fundamental. **EaD em Foco**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. e1672, 2022b. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1672/746>. Acesso em: 1 set. 2023.
- NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. O lugar da escola nos tempos atuais. *In*: NEUENFELDT, Derli Juliano (Org.). **O lugar do corpo, da escola e da Educação Física em tempos digitais**. Porto Alegre: Ideograf, 2023.
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrv-nbsbYjmvCbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2021.
- NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtlKTS75PB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2022.
- ORRICO, C., A. **A influência das tecnologias de informação e comunicação na leitura de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II**. 2018. Dissertação (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara, SP, 2018.
- SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021. *E-book*.
- SCHORN, G. T. **Competências digitais para o ensino fundamental: foco no aluno dos anos iniciais**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/216893>. Acesso em: 25 set. 2021.
- VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.